

Lona dos sonhos: cinco anos depois

Escrito por Rafael Cal

Pode um sonho atravessar o tempo?

Madeira, ferro, alumínio, concreto, aço. Foram alguns dos materiais que, em uma pesquisa rápida, encontrei como resistentes ao tempo. Resistências diferentes, é verdade.

E se fosse uma lona de sonhos? Seria capaz de resistir ao tempo?

Não encontrei em minha pesquisa que sonho seja um material resistente ao tempo. Pensei, então, em assumir como uma certeza que sonhos não podem atravessar o tempo. Só que as certezas existem para encontrar, em algum momento, a dúvida.

Em maio de 2016, lançamos o livro *Lona dos sonhos: as histórias do Lona na Lua*. Lançamos aqui não é papo de jogador de futebol ou político em campanha, é fazer jus a tantas mãos que trabalharam para que ele existisse. Eu escrevi, o Zeca produziu e realizou, a Talitha desenhou a capa, o Victor Hugo e o Marllon cederam as imagens dele, a Marianna da Mórula cuidou do trâmite para a ficha catalográfica e na negociação com a gráfica e 29 pessoas me atenderam, por telefone ou ao vivo, em algum momento de seus dias para dar um depoimento.

O lançamento foi uma coisa linda. Um monte crianças, adolescentes e adultos; alunos, amigos, patrocinadores, famílias inteiras. Todo mundo indo ao lançamento de um livro em um centro cultural de uma cidade que não tem livraria. O canal de TV da região foi lá fazer matéria e deu apoio institucional. E essa primeira leva de livros foi financiada com

recursos do edital de Microprojetos da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (2015).

A proposta inicial era imprimir 200 e doar metade dos livros. Só que isso pareceu pouco: a Associação usou recursos próprios e conseguiu apoios e seguiu imprimindo. Desde então, foram 3.000 livros, metade doada, metade comercializada, com os recursos revertidos para o financiamento de mais livros. Além disso, o livro foi disponibilizado como ebook na Amazon e disponível para downloads no site www.lonanalua.org.br. O livro se tornou o *livro da Lona* e virou uma espécie de cartão de visitas do projeto. Isso é motivo de bastante orgulho.

Teve mais. Houve outras duas coisas que foram motivo de orgulho ainda maior. Para alguns, o livro foi o primeiro adquirido. E também foi escolhido por professores do Ensino Fundamental para usar em trabalhos escolares. Ser o autor do primeiro livro de alguém e, com o mesmo trabalho, ser escolhido para atividades pedagógicas – em um ambiente tão dominado pelos departamentos comerciais de grandes editoras – é algo muito importante. Para mim e para o Lona na Lua.

Em meio à reclusão imposta pela pandemia de Covid-19, conversamos – eu e o Zeca – sobre fazer uma nova edição do livro. Uma edição revisada e ampliada. Achava importante continuar a contar a história, porque a história não só não acabou como está longe de acabar. A nebulosidade do período, porém, impedia o andar da coisa. Tudo ficava um pouco mais para frente.

O mais para frente chegou em 2021. No segundo semestre daquele ano, apresentei a ideia de fazer um resgate do período passado desde o lançamento do livro. Cinco anos. Cinco anos, tantas histórias.

“Espera a inauguração em Tanguá”, me respondeu Zeca.

Eu fiquei meio contrariado, mas concordei. O Zeca tinha um plano. Afinal, ele sempre tem um plano.

Tanguá, assim, entra nessa história. Na verdade, entra outra vez nessa história.

Em 2014, após deixar o cargo de secretário de cultura da Prefeitura de Rio Bonito, Zeca começou a tentar estabelecer convênios com cidades vizinhas. Àquela época, buscou parcerias em Silva Jardim e Tanguá.

Era um momento crucial para o movimento. O tempo na secretaria havia deixado o projeto adormecido e a morte da Raphaela havia sido um baque que agravou ainda mais a situação. Quase dois anos sem grandes – ou mesmo pequenas – ações. A volta não seria nada fácil.

Em Tanguá, o professor e então vereador Luciano Lucio era o principal aliado. Na pesquisa para o livro, fui à cidade em 2016 conversar com ele. À época, contou que o Lona na Lua tinha sido uma surpresa.

“Eu fui a primeira vez pra ver uma peça de teatro”, disse, referindo-se a uma visita à primeira sede do Espaço Cultural Lona na Lua, em Rio Bonito. A ideia, segundo ele, era convidar para alguma ação em sua cidade. “Mas ao ver a peça, o engajamento do pessoal, vi que era formação cidadã mesmo”.

Como vereador, tentou viabilizar o projeto na cidade. Ele tentou levar o projeto para sua cidade, mas esbarrou na falta de recursos. O que, aliás, não é algo isolado. Em todos esses anos acompanhando e registrando memórias do Lona na Lua em conversas formais e informais, já ouvi coisas parecidas. Muita gente se interessa, fica encantada. A realização envolve outras etapas e uma série de obstáculos políticos e econômicos.

Era um dia quente quando conversávamos. Nossa conversa estava terminando, eu bebendo minha água e pensando que sairia daquela sala com ar-condicionado para seguir

meu caminho até o ponto de ônibus e, depois, Rio Bonito. Luciano me perguntou se eu tinha tempo e disse que queria me mostrar um lugar. Cruzamos algumas ruas e chegamos a um espaço. Era onde ele imaginava que seria o Lona na Lua em Tanguá.

A conversa se estendeu um pouco mais, ainda que eu não tenha gravado mais nada – os entrevistados costumavam falar bem mais quando eu deixava o gravador desligado, o que dá um outro texto. Ele falou sobre o município, sobre os jovens e insistiu na questão da “formação cidadã”. Alguns minutos depois, eu estava no ônibus em direção a Rio Bonito.

Essa parte ficou fora do livro, sem gravação, só com as minhas anotações no caderninho que usava. Lembrei dessa história no dia 15 de dezembro de 2021, enquanto assistia a transmissão da inauguração e fui procurar as notas que tomei da conversa. Escrevi “cidadania” e sublinhei duas vezes, o que me diz que foi tópico importante daquela conversa. Além disso, anotei no canto: “realmente interessado” e “sonho”.

Luciano me falou sobre Tanguá e as condições econômicas e sociais, sobre o que fiz anotações pontuais. Consultando o site do IBGE, é possível reconstituir alguns pontos.

Tanguá é um município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Apesar disso, é uma típica cidade de interior que fica na divisa com Rio Bonito e tem uma população estimada de quase 35.000 habitantes. Assim como a cidade vizinha, Tanguá também tem suas belezas naturais, especialmente cachoeiras frequentadas como opção de lazer pela população da região.

Antigo distrito de Itaboraí, Tanguá se emancipou politicamente em 1995. Duas empresas marcaram a paisagem da cidade em um passado recente: a Embratel, empresa de telecomunicações, e a Cibran, indústria de medicamentos. No presente, o município convive com grandes desafios no enfrentamento da pobreza e da desigualdade, no acesso

da população a saneamento básico e entre os dez municípios com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo no estado.

A região central é cortada pela BR 101. Ao lado da pista em direção a Rio Bonito, estão localizados a prefeitura e outros órgãos públicos e, a partir de 2021, a Estação Lona na Lua.

E é em meio conjunto de políticas públicas adotadas em Tanguá que o Lona na Lua se encaixou. “A arte pode gerar oportunidades para as pessoas. Essa cidade é muito pobre, essas pessoas precisam se encontrar, todas as pessoas têm seus dons e talentos, é preciso que a gente convide essas pessoas a se descobrirem dentro desse universo, é isso que a gente está tentando fazer, é isso que o Lona vem somar com aquilo que a gente vem fazendo em termos de política pública aqui em Tanguá”, declarou o prefeito Rodrigo Medeiros à jornalista Lívia Louzada da Folha da Terra.

Na mesma matéria da Lívia, que também contou histórias para o livro lá em 2015, há a declaração de uma outra pessoa. Trata-se do secretário municipal de educação, Luciano Lucio. Aquele mesmo Luciano que me falou em 2015 que sonhava em levar o Lona na Lua para Tanguá. E que até me mostrou um lugar para receber o projeto.

O lugar em que está a Estação Lona na Lua não é o mesmo que vi há alguns anos. Em um terreno próximo à prefeitura, cedido por um empresário local, foi feita a obra. Um grupo de investidores que deseja preservar o anonimato arcou com os custos. Uma parceria entre a prefeitura, “investidores sociais” e a Associação Cultural e Social Lona na Lua. O espaço ficou pronto para a inauguração que aconteceu no dia 15 de dezembro de 2021.

Não pude ir ao evento presencial, acompanhei a distância, vendo a transmissão e conversando com pessoas que estavam lá. Não vou me atrever a descrever o que não vi de perto naquele dia. Posso, porém, apontar que algo se moveu ali.

Naquela noite, vendo pela transmissão a cara do Zeca, meio feliz, meio tenso – com alguma coisa que ninguém percebeu, mas que ele está olhando para ver se vai sair como deveria – entendi a frase dita antes. “Espera a inauguração em Tanguá”, ele disse.

Afinal, este texto poderia falar de muitas coisas nesses cinco anos. Meu trabalho como oficinairo ou as montagens teatrais que fizeram sucesso. Poderia escrever também sobre a mudança para a nova sede em Rio Bonito e todos os desafios de se adaptar a um novo espaço. Sem dúvida, poderia escrever sobre a pandemia e seus efeitos sobre o projeto, a paralisação das atividades, o medo em relação à doença e à saúde de pessoas queridas, as famílias de todos os loneiros e loneiras. Poderia ainda, escrever sobre o papel fundamental que o Lona na Lua assumiu junto à comunidade local, com a distribuições de alimentos e gás de cozinha. Todas essas coisas dariam bons textos, trariam histórias tocantes, com personagens excelentes.

Mas como a personagem principal dessa história sempre foi o Lona, uma lona que cobre sonhos e gentes, foi bom ouvir a frase e esperar. Porque levantar outra lona na lua é ainda mais difícil e, ao mesmo tempo, mais impactante, mais forte, mais poderoso.

O sonho do Zeca; o sonho dos jovens artistas de Rio Bonito, em cena, no evento de inauguração; os sonhos das crianças e adolescentes que vão frequentar as oficinas; os sonhos de quem vai assistir um espetáculo pela primeira vez; os sonhos dos trabalhadores que levantaram as paredes da Estação Lona na Lua; os sonhos das famílias impactadas pelo projeto; os sonhos de todos aqueles que moveram – palhinhas, montanhas, mundos – para que a lona e o Lona continuassem. O colorido que causa estranhamento aos olhos ocupa um espaço no coração de um lugar que tem seus problemas, mas que também tem seus projetos e seus sonhos.

Como disse no começo deste texto, não encontrei informação confiável de que sonhos sejam resistentes ao tempo. Resolvi me perguntar de novo.

Afinal, pode um sonho atravessar o tempo?

Só se for feito de lona.